

Os peixes grandes comem os peixes pequenos: explorações em torno do poder moral do mar

Francisco Oneto Nunes*

A minha comunicação visa oferecer um contributo expressivo para a reflexão em torno dos processos de mediação que articulam ecologia, economia e cognição, e situa-se em dois planos distintos: o da abordagem histórica e etnográfica de populações marítimas concretas – designadamente, os pescadores da arte xávega que se pratica no Litoral Central Português desde finais do século XVIII; e o plano teórico e epistemológico, onde se colocam problemas centrais como, por exemplo, o da incorporação social do aleatório determinada pelo exercício da própria actividade piscatória, tal como propus em trabalhos anteriores, ou o das implicações de um entendimento da cognição como ‘experiência’ e não como ‘representação’.

Para a prossecução destes objectivos, procuro enquadrar num âmbito antropológico abrangente a ideia de que o ‘peixe’ não é apenas um recurso alimentar mas, também, um instrumento e veículo de saberes, crenças e visões-do-mundo. Partirei da imagem oferecida por Vieira no “Sermão de Stº António aos Peixes” e do conceito hindu clássico de Matsyanyaya (a lei dos peixes, i. e. a “lei da selva”), evocado por Amartya Sen em “A Ideia de Justiça”, para um percurso narrativo onde se falará da importância da imagem da devoração associada ao mar como espaço de caos e ausência de lei; da anterioridade matricial do oceano e das águas nos mitos; da problematização da causalidade nos domínios do maravilhoso e do imaginário popular; do individualismo possessivo e da questão da propriedade, dos “commons” e da neoliberalização do oceano.

* ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa / CRIA – Centro em Rede de Investigação em Antropologia.